



Munich Personal RePEc Archive

## **Capital in the 21st century**

Estrada, Fernando

Universidad Externado de Colombia

2015

Online at <https://mpra.ub.uni-muenchen.de/61133/>

MPRA Paper No. 61133, posted 06 Jan 2015 15:07 UTC

# *Antinomias da Capital no século XXI*

Fernando Estrada

janeiro de 2015

## **Abstract**

Thomas Piketty's "Capital in the 21st century" has been the most important book economy in recent times. Its aim integrates the debate theories of growth, income distribution, inequality and differences between the extremes income and income of the majority. The work predicts a slow increase in the share of capital income and inequality. His proposal for a global tax on capital is a way to evaluate such tendencies.

**Keywords:** Piketty, Capital in the 21st century, Capitalism, Distribution, Theory of economics.

## **Introdução**

Nenhum livro de economia publicado nos últimos anos foi capaz de provocar o furor internacional causado por *O capital no século XXI*, do francês Thomas Piketty. Seu estudo sobre a concentração de riqueza e a evolução da desigualdade ganhou manchetes nos principais jornais do mundo, gerou discussões nas redes sociais e colheu comentários e elogios de diversos ganhadores do Prêmio Nobel. Este é um trabalho que, como *a teoria geral de Keynes* representa uma espécie de revolução copernicana no debate público contemporâneo<sup>1</sup>.

Piketty O livro contém quatro partes distintas. A primeira: Renda e Capital, fornece uma entrada relativa aos problemas clássicos de renda, produção e comparações de crescimento; há ilusões e realidades entre as teorias e dados convencionais são mostrados. O segundo trata da dinâmica na relação entre capital e rendimento em um vasto panorama histórico que descreve a metamorfose do capital<sup>2</sup>. Compare a evolução da riqueza da Europa antigo para o Novo Mundo. A capital / renda é analisado conjuntamente pelo Piketty por tratamento de série contínua de longo prazo e apresenta um quadro explicativo para observar a divisão entre capital e trabalho no século XXI.

A terceira parte analisa a estrutura das desigualdades. No início, as ligações complexas entre a desigualdade e concentração. Seguido por uma ampla reflexão sobre a dissociação entre o mundo de riqueza e pobreza. Os dilemas que corresponde *aproximadamente* a desigualdade entre os rendimentos do trabalho e de capital derivada

---

<sup>1</sup> Références pour les au Livre sur les reações de Piketty, nous offrent um échantillon réduit: Paul Krugman "That Old-Time Inequality Denial", N / T, May. 2014. Raul V. Fabella, "The Picketty Inequality in the Nash-

<sup>2</sup> Van Schaik, ABTM "With Piketty's laws replacement investment and depreciation". Vox EU, 2014.

propriedades<sup>3</sup>. Em seguida, aborda a dicotomia entre mérito e herança a longo prazo, incorporando narrativa como um recurso que suporta a análise de magnitudes. Voltaremos a este ponto. A seção final da terceira parte é dedicada à revisão crítica da desigualdade global de riqueza no século XXI.

A quarta parte é proposital e sugere regular o capital no século XXI, dois problemas reformulando economia de Ricardo e Marx têm sido associados à esfera pública: um Estado social e do imposto de renda progressivo. Da mesma forma, o autor oferece sua posição em duas ideias que estimularam críticas entre aqueles que reviu sua obra: um imposto global sobre o capital próprio e dívida.

No que se refere a mesma Piketty seu livro é o resultado de 15 anos de pesquisa (1998-2013), essencialmente dedicado a dinâmica histórica de renda e riqueza<sup>4</sup>. Aqueles que leram sua obra anterior, em artigos e revistas ver com esta publicação a conclusão parcial de um trabalho que começou com *Les Hauts Revenus en France au XX Siegle* e seus colegas Anthony Atkinson Oxford e Emmanuel Saez da Califórnia. A originalidade do projeto é ter estabelecido uma plataforma que cobre cerca de 27 países e ter obtido constituem a maior base de dados disponíveis sobre a evolução histórica da desigualdade de renda. O debate nos Estados Unidos certamente ajudou a dar maior visibilidade à Piketty, entre outros aspectos que apresentam o forte aumento das receitas mais ricas versões de 1 por cento a partir do 70 Em seus capítulos sobre a tributação progressiva sabia pesquisas anteriores sobre tributação ótima de rendimentos e patrimônio<sup>5</sup>.

O livro também reflete um compromisso com as ciências sociais, e em particular a historiografia. A partir dos escritos de F. Braudel, no início da década de 60 e, em seguida, M. Foucault durante as décadas de 70 e 80, a tradição europeia teve poucos autores dedicados aos arquivos de inventário. O que encontramos aqui é um exercício historiográfico em comparação com esforços semelhantes por século Tocqueville meados do século XIX para entender os efeitos da Revolução Francesa. Piketty descobre que longos períodos de tempo analisando a riqueza de capital resultante apresenta dimensões sem precedentes. A partir de sua pesquisa histórica em arquivos notariais Piketty podia ver melhor múltiplos paralelos também, e as diferenças entre a estrutura de propriedade existente, ou o que ele chama de *La Belle Époque* e este compartilhada pelas empresas no início do século XXI fenômeno. A coleta de materiais e resultados gerais do projeto estão no banco de dados: *World Top Receitas de banco de dados*, os dados históricos disponíveis e informações técnicas para uma leitura cuidadosa dos resultados.

---

<sup>3</sup> Rajkamal Iyer & Manju Puri, "Understanding Bank Runs: The Importance of Depositor-Bank Relationships and Networks", *American Economic Review* 2012, 102 (4): 1414-1445.

<sup>4</sup> Thomas Piketty & Emmanuel Saez, "Inequality in the long run", *Science*, Vol 344 Issue 6186, 2014; Facundo Alvaredo, Anthony B. Atkinson, Thomas Piketty, and Emmanuel Saez, "The Top 1 Percent in International and Historical Perspective", *Journal of Economic Perspectives* -Volume 27, Number 3-Summer 2013-Pages 3-20.

<sup>5</sup> Evan Hillebrand, "The Global Distribution of Income in 2050", *World Development*, Vol 36, No. 5, pp.. 727-740, 2008; William J. Baumol, "On income distribution and growth", *Journal of Policy Modeling* 29 (2007) 545-548, 2007.

## O problema.

Piketty enfrenta um objeto de debate público originado durante a década de 70, Quando autores como Rawls e Cohen Buchanan Outros Entre ou sublinhou retorno acadêmico para uma esfera pública para enfrentar Distribuição desigual<sup>6</sup>. A particularidade do *capital no século XXI*, se você compará-lo com *a teoria da justiça* de Rawls (1971) não é apenas em seu alcance, mas a estrutura que serve de suporte. Diga para resumir, em sua versão mais simples, Rawls concebe os princípios de distribuição após uma ideia kantiana moral, e curioso de uma sociedade bem-ordenada, enquanto Piketty *ex post* usando os arquivos fiscais recurso compara massa sistemática de dados em vários países com distribuição desigual<sup>7</sup>. Que diferença em seguida, ambas as propostas? O teste suportado para avisar que o capitalismo reproduzir mecanicamente as desigualdades herdadas, deixando sem questionar os valores que cimentaram as diferenças de renda. Ou seja, o modelo de riqueza de uma sociedade bem-ordenada *para* Rawls, não a teve de se contentar com magnitudes que separam renda de 1 por cento dos mais ricos e o resto da sociedade.

Deve-se ressaltar que Piketty proceder em uma tradição narrativa usada como fontes literárias Balzac e Auden, eo romance serve como forma intuitiva para mostrar a estrutura profunda da desigualdade na distribuição da riqueza a nível mundial. Este apelo à intuição não parece ocasional; o autor sustenta que o capital e suas formas de distribuição não são uma questão de peritos econômicos, mas todo mundo cai<sup>8</sup>. Em outras palavras, os mecanismos utilizados para revelar os enormes desigualdades criadas pela riqueza não deve ser limitada aos modelos de reservatórios convencionais e aritmética série numérica<sup>9</sup>. No entanto, Piketty traz a questão de ferramentas de distribuição de rigor metodológico suficientes. E ele não tentar estabelecer regularidades com extensas números históricos de amostra de dados, anos, décadas e séculos cruciais para a história econômica.

Mas voltando ao problema central. Temos notado que a desigualdade de renda não é um novo livro, no entanto, desde 1970 a evolução das desigualdades mostrou diferenças Comentários de<sup>10</sup>. O fosso entre os ricos e o resto da sociedade jogou uma tendência para o Ch. Tilly chamado *des democracia*. Teóricos como Rawls, Nozick e Cohen tinha traçado um curso, mas sua mensagem ainda ascendia a gerar um debate público se expandiu em direção universal. Desde que a economia, as supostas causas da desigualdade eram

---

<sup>6</sup> John Rawls, *The Theory of justice*, 1971; Buchanan, James M., Tullock, Gordon, *The Calculus of Consent: Logical Foundations of Constitutional Democracy*, 1962.

<sup>7</sup> Fred Campano, Dominick Salvatore, "Economic development and income distribution", *Journal of Policy Modeling* 29 (2007) 553-566.

<sup>8</sup> Helen Scarborough, Jeff Bennettb, "Estimating preferences intergenerational distribution", *Ecological economics*, 2008.

<sup>9</sup> Andreas Bergh, Therese Nilsson, "Do liberalization and globalization Increase income inequality ?", *European Journal of Political Economy* 26 (2010) 488-505, 2010.

<sup>10</sup> Patrick Moyes, "An extended Gini approach to inequality measurement", *J Econ Inequal* (2007) 5: 279-303; Brice Magdalou · Patrick Moyes, "Deprivation, welfare and inequality", *Journal Soc Choice Welfare*, 2008; a recommended items assessing capitalism compendium: Ali M. Kutan, *Future of Capitalism: Is it failing ?*, *Economic Systems* 34 (2010) 1-2.

divergentes: as perdas de salário mínimo, o declínio da união e da falta de negociação, a terceirização, a globalização, o trabalho de substituição, as mudanças tecnológicas com grandes mudanças na vida profissional: profissionais o altamente qualificados e competentes ; e abaixo, a maioria sem qualificação, sem instrução. Em ambas as frentes do conjunto de respostas para a desigualdade por analistas permaneceram limitadas. Nem a *teoria da justiça* de Rawls e os desenvolvimentos posteriores, ou as contradições reveladoras Nozick em *Anarchy, Estado e Sociedade*, ou ensaios polêmicos de marxista Gerald Cohen, conseguiu explicar o limite extremo de desigualdade. O que aconteceu com a tendência de aumento de renda de 1 por cento em comparação com o resto da sociedade? Como explicar de forma coerente os níveis de desigualdade nas sociedades apenas experimentou a ascensão do capitalismo industrial moderno?<sup>11</sup>.

## Resposta

*A Capital no século XXI* contém a resposta a estas perguntas. A chave usada por Piketty era estabelecer um quadro em que os dados podem ser interpretados a partir de um tempo histórico diferente. Com efeito, sendo o capital (riqueza) seu principal objetivo foi observar seu caminho o tempo de trabalho em comparação entre a França, EUA e Reino Unido. O acúmulo de séries de dados permitiu Piketty acompanhar a questão da desigualdade de meados do século XVIII. O banco de dados que ele construiu com sua equipe agora oferece aos países de informação diferenciados: Índia, Suécia, Holanda, França, Alemanha e Estados Unidos. O paciente trabalho de aritmética país contabilidade de capital era necessário porque o que importava era comparar longos períodos em diferentes áreas geográficas. Era preciso saber contra que tipo de unidades que você poderia contrastar a riqueza, digamos, entre a Grã-Bretanha e França, durante um determinado ano. O recurso metodológico Piketty foi dividir a riqueza medido em moeda local, de que o tempo entre a renda nacional, também medido em moeda local no momento. A relação entre o capital eo resultado são convertidas desta forma, em "anos". Então, usando esta técnica em comparação pode saber que a riqueza total na França em 1850, atingiu o equivalente à renda de sete anos, mas, no caso dos Estados Unidos, em 1950, apenas o equivalente a quatro anos de renda. Este recurso em comparação com "anos" entre riqueza e renda foi fundamental para compor os outros capítulos. Existe uma nova metodologia, mas um recurso historiográfica que ajudou a simplificar grandes números e adaptar-se às unidades de menor complexidade.

Sublinhou uma ambiguidade quanto duas categorias básicas. Solow diz que Piketty usar "riqueza" e "capital" como termos mensuráveis. Nós sabemos como calcular a riqueza de uma pessoa ou instituição: o valor de todos os seus ativos e o valor total da dívida é subtraído. (Os valores são preços de mercado ou, em alternativa, alguma aproximação.) O resultado, diz Solow, é de capital ou patrimônio líquido. Pelo menos em Inglês, este é muitas vezes chamado o capital de uma instituição ou pessoa. No entanto, *a capital* tem um outro significado não em tudo equivalente: um "fator de produção", um elemento essencial no processo de produção, como fábricas, máquinas, equipamentos, edifícios de escritórios ou casas (produção de "serviços de hospedagem") . Este significado pode ser diferente da

---

<sup>11</sup> *Ibíd.*

"riqueza". Em suma, afirma Solow: existem bens que têm valor se e somente se derivam da riqueza, mas não produzem nada: obras artísticas, coleções de metais preciosos, etc. (Pode-se dizer que as imagens na sala de estar de uma casa produziu "serviços estéticos", mas geralmente não são considerados na renda nacional.)

O que é significativo nesta revisão? O valor de mercado das ações -o outro lado da capital produtivo de uma empresa- pode mudar de forma inesperada e com maior rapidez do que a renda nacional. Com efeito, durante uma recessão a relação entre riqueza e da renda é provável cair consideravelmente, embora possa acontecer que o capital produtivo mudou pouco ou nada. Ao trabalhar com longos períodos Piketty não recomendados prestar atendimento a pequenas inconsistências entre as medidas; para que, com um pouco de paciência os dados resultantes estão mostrando um padrão claro. Na França e Reino Unido capital nacional manteve-se relativamente estável, equivalente a cerca de sete vezes a renda nacional entre 1700 e 1910, e depois caiu drasticamente entre 1910 e 1950, provavelmente como resultado das guerras e da depressão, atingindo um valor de 2,5 no Reino Unido e um pouco menos de 3 em França. Após a relação entre capital e rendimento começa a subir novamente em ambos os países a atingir até 2010 um pouco mais do que 5 no Reino Unido e um pouco menos de 6 em França. Este intervalo de tempo foi diferente nos Estados Unidos: começando logo acima 3 em 1770, sobe para 5 em 1910, é ligeiramente reduzida em 1920, recuperou a um pico entre 5 e 5,5 em 1930, caindo abaixo de 4 em 1950 e novamente sobe para 4,5 em 2010.

O livro ensina que a relação riqueza / renda em os EUA foi sempre menor do que na Europa. E a principal razão, nos primeiros anos foi que o valor da terra aumentou menos em espaços abertos da América do Norte. Claro, havia mais terra, mas era muito caro. No entanto, a partir do século XX, a baixa relação entre capital e renda em os EUA, provavelmente, começou a refletir o nível mais alto de produtividade: uma certa quantidade de capital poderia incentivar uma maior produção do que na Europa.

De outra perspectiva, a fraqueza da razão capital / renda nos Estados Unidos reflete uma diferença fundamental na estrutura das desigualdades na Europa. O fato de que todos os ativos representou apenas 3 anos de renda nacional nos Estados Unidos, em comparação com mais de 7 Europa significava especificamente que o peso dos proprietários e as posições adquiridas no passado era menos importante do que o Novo Mundo. Foi possível, com alguns anos de trabalho e limitar a produção de diferenças iniciais de riqueza entre os grupos sociais, ou pelo menos alcançá-los mais rápido do que na Europa. Este é o equilíbrio da relação entre capital / renda que Piketty encerra a primeira parte de seu livro. Entre os países em comparação com os dados e registros fiscais o relacionamento de riqueza e renda tem vindo a aumentar desde 1950, retornando aos níveis do século XIX. O autor acredita que este aumento continuará neste século, como visto nos capítulos seguintes.

Que tipo de ligação determina a relação de longo prazo entre capital e renda? Piketty adota a fórmula:  $b = s / g$ . E ilustrada como se segue. Especificamente, se um país poupa anualmente 12% de sua renda se o seu rendimento em 2% ao ano, e se o estoque de capital inicial é igual a seis anos de renda, então o aumento de capital de 2% ao ano, ou seja, exatamente a mesma taxa que a renda nacional cresce; daí a razão capital / renda estável. No entanto, se o capital social é de menos de seis anos de renda, poupança

equivalente a 12% da renda vai levar ao aumento do capital social superior a 2% (ou seja, mais rápido do que a renda) de tal forma que a relação capital / renda vai aumentar o seu nível de equilíbrio. Em todos os casos, de acordo Piketty, capital / renda na relação de longo prazo tende para o equilíbrio  $b = s / g$  (I eventualmente aumento sobre os recursos naturais), todavia, de que os preços dos ativos de longo prazo evoluir em Da mesma forma os preços médios de consumo.

Agora, para a questão do consumo e da renda. Pense em alguém que ganha  $r$  por cento ao ano (excluindo temporariamente os impostos). Se você Parte 1 por cento ricos são propensos a consumir apenas uma fração de sua renda. O resto é salvo e acumulou sua riqueza de modo que sua renda vai aumentar quase  $r$  cento a cada ano. Os depósitos de poupança com juros anuais são parte de seus lucros. É o tema central e os poderosos contribuição Piketty. Enquanto a taxa de retorno for superior à taxa de crescimento da renda dos ricos vai crescer mais rápido do que a renda resultante dos trabalhadores. Ou melhor, as riquezas não mostram um efeito compensatório que reduz o capital social total. Esta tendência figuras durante três séculos consecutivos, com 1 por cento para manter seu domínio sobre o resto da sociedade, não descrevem falhas institucionais, eles baseiam-se principalmente na capacidade da economia de absorver quantidades crescentes de capital, sem substâncias caindo taxas de retorno. É o devorando esse passado.

Um fenômeno de *corona* digite *Mateo* explicação nesta parte. Um rico tal sistema são dadas má riqueza e os pobres, eles têm, são removidos. As taxas de poupança derivadas de trabalho tendem a ser baixas, e da acumulação de capital nas mãos dos operários e empregados. Em vez disso, os interesses de riqueza está aumentando. Se compararmos a rentabilidade da riqueza relativa à poupança dos trabalhadores do grupo mais rico são escassos, e este mecanismo não compensa o aumento esperado da desigualdade. Mas há uma outra linha escura entre essas tendências subjacentes relacionados ao tempo. Se as atuais existências de riqueza tendem a crescer mais depressa do que os rendimentos do trabalho, as chances são de que a participação na riqueza herdada aumenta em relação às fortunas obtidas por mérito. Em meio a essas condições não deixará de existir empreendedores e inovadores, investidores e gestores, artistas e atletas que irão beneficiar estar na sombra de rentistas. No entanto, o crescimento da inflação desenfreada ou menor da economia pode estragar essas histórias. O corolário o fenômeno do *efeito Matthew* é que a concentração de riqueza e de sua capacidade de crescer vai incentivar mais à hereditariedade do que a riqueza relacionada mérito.

A descrição da relação entre a distribuição de renda e riqueza, torna Piketty de uma aritmética intuitiva; não encontramos estatísticas sumárias ou séries probabilística complexa. Por exemplo, as percentagens de 1 por cento (décimo ou acima que 1 por cento) é aqui equivalente a 10 por cento; próximo de 40 por cento, metade (a classe média) corresponde a 40 por cento, entre o decil superior e metade inferior. Piketty chamado "classe média" de 40 por cento da população localizada entre o topo e o decil média que está acima da população. Como vemos, é uma unidade conceitual relativamente ambígua; a chamada "classe média" sem chegar a resultado de equivalência patrimonial de alta renda também sofre com a extrema necessidade dos mais pobres da sociedade. No entanto, é uma conquista do autor mostra que estas diferenças. É parte do método utilizado por Piketty, que

resume os dados complexos nem sempre são comparáveis e estão descritos nos capítulos que resumem seu trabalho.

Capital distribuição é desigual, muitas vezes desde o nascimento<sup>12</sup>. Em os EUA, 10 por cento do decil superior detém cerca de 70 por cento de toda a riqueza, é outra metade pertence a 1 por cento; 40 por cento abaixo (da classe média) tem cerca de um quarto do capital total (principalmente em habitação imobiliária); população de 50 não tem quase nada, apenas 5 por cento do total. O ponto é que os investimentos da habitação da classe média são parte de um fenômeno relativamente novo na economia. Ao contrário das políticas económicas dos Estados Unidos na Europa mostram uma tendência mais igualitária: o 1 por cento detém 25 por cento do capital social; a classe média de 35 por cento. O desenvolvimento histórico tem sido positivo. Em seu livro *O Antigo Regime ea Revolução* Tocqueville descreve uma classe média muito pobre nesses países durante a décima quarta a séculos XIX. Desde aquela época as sucessivas mudanças na demografia e migração urbana deu uma base sólida para uma sociedade mais inclusiva.

Se no século XXI aceitar uma concentração tão extraordinário da propriedade e da riqueza seria voltar a uma mentalidade semelhante que tinha o mundo no século XIV. Você pode notar, contudo, que os rendimentos de capital são mais concentrados do que a riqueza em si, já que, como diz Piketty, as magnitudes de riqueza tendem a aumentar de acordo com seu tamanho maior. Parte desta vantagem depende do desenvolvimento de uma economia de escala em que os investidores também têm acesso privilegiado a informações e posições de poder nas instituições onde as decisões são tomadas. O rendimento do trabalho tendem a ser mais dispersa do que a concentração de riqueza. Piketty essas diferenças observadas principalmente nos Estados Unidos: 1 por cento ganha cerca de 12 por cento do rendimento de trabalho total, 9 por cento ganham abaixo de 23 por cento; a classe média recebe cerca de 40 por cento e a metade inferior recebe um quarto de tais rendimentos. Mais uma vez, as condições na Europa são semelhantes: 10 por cento cobrado um pouco menos e os restantes dois grupos ligeiramente. As revelações documentados pela Piketty não descobrir algo original, mas criticamente expor a desigualdade extrema em silêncio ao longo de três séculos consecutivos.

Um dos aspectos críticos da desigualdade relacionados com rendimentos são a obtenção de salários mais altos<sup>13</sup>. Cerca de 60 por cento da receita de "1 por cento" nos Estados Unidos provêm das receitas, e só quando chegamos ao topo décimo de 1 por cento das receitas de capital começam a predominar: 70 por cento das receitas centésimo do top 1 por cento são originários da capital. Esta história se repete em outros países. França, por exemplo, tem uma taxa semelhante de renda salarial a todos os níveis, mas também há muito altos salários. Este aspecto é relativamente novo na economia. Na década de 1960, o top 1 por cento dos assalariados descontou 5 por cento de todos os ganhos. O aumento desse percentual tem sido constante até hoje, quando o top 1 por cento dos assalariados recebe entre 10 e 12 por cento de todos os salários. No entanto, a participação dos salários

---

<sup>12</sup> Anet Currie, "Inequality at Birth: Some Causes and Consequences", *American Economic Review: Papers & Proceedings* 2011, 101: 3, 1-22.

<sup>13</sup> Donghoon Leea, Kenneth I. Wolpin, "Accounting for wage and employment Changes in the US from 1968 to 2000: A dynamic model of labor market equilibrium", *Journal of Econometrics* 156 (2010) 68-85.



mais altos, no caso da França manteve-se estável em 6 por cento até recentemente. Em suma, aparentemente, o desenvolvimento de extrema desigualdade no topo da distribuição de renda é americano. Piketty e seu grupo de trabalho tem feito um trabalho minucioso nas declarações de impostos entre os recobem alta renda nos Estados Unidos. O trabalho de N. Taleb também foram revelando sobre este fenômeno escandalosa concentração de capitais entre aqueles que Piketty chama de "Super executivos". Estes personagens representam grandes corporações (particularmente no setor da indústria financeira)<sup>14</sup>.

Contando ou não com a opção de compra de ações, renda salarial grande riqueza se tornam ou renda futura a partir dele. A ascensão do Super executivos, especialmente nos Estados Unidos, foi o promotor da mesma forma as enormes desigualdades que nação no resultado. Um fenômeno até então pouco estudada, embora Piketty acredita que este é um problema abastecido pelo clientelismo e relações de poder corporativos entre grandes empresas. A "thread" nas empresas permite pagamentos e bônus relacionados méritos de seus próprios executivos. A peculiaridade na evolução de tais aumentos salariais é que eles podem superar as paradas nos deis mais altos de renda. Também é mostrado como um prêmio de mérito Super executivos jovens que são boas razões para formalizar as suas fortunas. Estes bônus não contam como rendimentos do trabalho, o que significa uma alta de estímulo que os governos e os órgãos fiscais devem ser estimados. No entanto, é um problema relacionado com a propensão para incentivar grandes empresas como uma meta. A coisa notável é estudo Piketty mostrando os efeitos de tais desvios na distribuição do capital e as desigualdades relacionadas<sup>15</sup>.

Piketty liga a questão da Super executivos renda com capital próprio e especulação. Os lucros desta nova geração de ricos poupança classe não-trabalhistas ou previdenciárias; não são empregados ou dividendos de empresas independentes. O processo é devastador. Uma desaceleração sistema avançado em economia produtiva e de baixo nível da população nos países desenvolvidos, contrasta com maiores taxas de retorno sobre o capital e baixas taxas de crescimento; o livro descreve as semelhanças entre o capital eo século receita em relação às condições foram durante o século XIX. Em alguns casos, a parcela de capital na economia dos países excede em muito o lucro líquido da renda nacional. Herdado riqueza evoluiu aquisição de novos equipamentos nos mercados financeiros; no entanto, este é o tipo de riqueza que não dependem do trabalho e promoção de altos picos de desigualdade na sociedade. As duas tendências abordadas por Piketty para travar esta situação: (a) a alta inflação e as tensões no equilíbrio entre rendimentos decrescentes e (b) o progresso tecnológico. Ambas as tendências são descritos pelo autor como expectativas do século XXI.

O que fazer com essa situação de desigualdade? O que declarações políticas decorrem de diagnóstico oferta Piketty? ¿Condições irreversíveis criados pelo capital e seus vencedores foram tratados? A proposta do Piketty visa um imposto progressivo sobre a riqueza; para expandir a todos os países e impor barreiras à evasão em paraísos fiscais. A

---

<sup>14</sup> Nassim Nicholas Taleb, *The Black Swan: The Impact of the Highly Improbable*. New York: Random House and Penguin. 2007.

<sup>15</sup> Alberto Chong and Mark Gradstein, "Inequality and institutions", *The Review of Economics and Statistics*, August 2007, 89 (3): 454-465.

segunda ideia é irrealista. Embora reconhecendo que um imposto global é difícil pensar que é possível implementar uma ativos fiscais regionais em países desenvolvidos na Europa e nos Estados Unidos. As riquezas fiscais em mente é a de 0 por cento sobre os rendimentos abaixo do milhão de euros, 1 por cento para a riqueza entre um e cinco milhões e 2 por cento de riquezas que excedem 2 por cento de milhões de euros . É um imposto anual e não um privilégio casual ou apenas uma vez. Piketty acredita que a aplicação deste imposto poderia gerar receitas equivalentes a 2 por cento do PIB; e os fundos angariados serão utilizados ou distribuídos por uma fórmula acordada.

No entanto, a recomendação tem mais projeção é o imposto progressivo. Em países como a Colômbia (e dos países em geral com níveis médios de desenvolvimento), um imposto deste tipo exige medidas com altos níveis de transparência e mecanismos de monitoramento independente no que diz respeito às instituições financeiras e empresas similares. A quarta parte do livro se estende detalhes sobre os papéis que os governos da Europa devem ser levadas em conta. O imposto progressivo pode oferecer dificuldades mais baixas a partir do ponto de vista jurídico, a sua implementação é uma questão de melhorar a ambos os sistemas de informação e controle de evasão.

No entanto, o imposto proposto sobre o capital como a tributação progressiva não são o objetivo principal de seu livro. A questão é a diferença entre a taxa de crescimento e o retorno líquido sobre o capital próprio. Os capítulos desenvolver numerosos elementos de dados que compõem a dinâmica de crescimento da desigualdade em que os ricos ficam mais ricos. Um imposto sobre o capital complementado por um sistema de taxas de tributação progressivas, diminuir a diferença entre os retornos sobre o capital eo crescimento dos países.

Piketty privou com evidência os efeitos das desigualdades herdadas. Não é um processo de habilidades e incentivos individuais das sociedades capitalistas; Não é a riqueza ou poupanças alcançadas através do investimento privado. Também não é a riqueza derivada da inovação tecnológica. Capital está relacionada a um fenômeno estrutural das desvantagens entre uma maioria de baixa renda e 1 por cento rico patrimônio.

### **Corolário sobre o imposto progressivo<sup>16</sup>**

A política fiscal cria obrigações para com indivíduos e organizações. Tradicionalmente, os governos têm procurado a dois propósitos com os impostos. Em primeiro lugar, obter recursos para financiar os gastos com bens e serviços públicos. Em segundo lugar, alterar a relação entre os fatores de produção. Neste sentido têm sido muito influente, por exemplo, afirma George (1881) sobre o impacto positivo que teria sobre a produção em 100% diferencial de tributação aluguel. Para Hotelling (1931) os impostos são os mais adequados para a estimulação ferramenta de mineração. Recentemente, o BID, sublinhou a mesma (Corbacho, Fretes e Lora 2013): os impostos são não só para levantar, mas deve ser entendida como ferramentas para o desenvolvimento.

---

<sup>16</sup> Estas notas são parte de um compartilhada Jorge I González na Hayek imposto progressivo e receber trabalho Brennan / Buchanan.

O sistema tributário progressivo refere-se a uma situação em que a taxa aumenta com a renda e poder de compra. Na maior parte dos rendimentos e impostos sobre a propriedade dos sistemas no mundo contemporâneo são de natureza progressiva: na margem, a taxa aumenta à medida que aumenta o rendimento<sup>17</sup>. Também é possível ter uma despesa de imposto que é progressiva, a aplicação de um critério de renda semelhante: a escalada ocorre quando a taxa de imposto aumenta à medida que as despesas de consumo são mais de<sup>18</sup>.

Se a política fiscal é complexo por isso é a política de redistribuição (Estrada, 2010a). Em busca da igualdade pode resultar de uma deliberadas medidas de política fiscal que tocam as receitas e despesas, ou pode ser um efeito "acidental" da dinâmica econômica são combinados. No primeiro caso, é preciso lembrar que o saldo líquido que cada família faz para o estado. Os cidadãos pagam impostos, mas, ao mesmo tempo, receber subsídios. Nas contas fiscais dos países essa relação não está incluída. Estritamente falando, a progressividade deve ser examinado, considerando a situação do indivíduo antes e depois de impostos (locais e nacionais) e subsídios (locais e nacionais). Esta é a intenção da chamada Comissão Sarkozy (Stiglitz, Sen e Fitoussi 2010), para a proposição de que a qualidade de vida das pessoas é analisada tendo em conta o seu poder de compra real, e isso depende muito do saldo líquido entre os impostos e subsídios<sup>19</sup>. Para Stiglitz, Sen e Fitoussi, a intervenção do Estado, que contribui para a equidade é desejável para melhorar a situação das pessoas mais pobres.

Estes autores posição Thomas Piketty acrescenta, mas se trata de um estatuto privilegiado. *A Capital no século XXI* trouxe junto para comparar séries históricas desigualdades e da riqueza; mas seu autor também levou a uma teoria de dados notável medida, no debate entre economia, ciências sociais e da sociedade.

---

<sup>17</sup> O aumento marginal pode ser fraco (a segunda derivada da taxa em relação à renda é negativo) ou forte (a segunda derivada é positiva). A diversidade de formas de impostos é múltipla. Ver, por exemplo, *Macmillan Dictionary of Modern Economics*, publicado bajo la dirección de David W. Pearce, Macmillan Press Ltd. 1992.

<sup>18</sup> Uma das obras mais célebres da defesa do imposto progressivo tem sido o trabalho de Edwin R. A. Seligman: *Progressive Taxation in Theory and Practice*, 1984.

<sup>19</sup> De um ponto de vista contabilístico, há muita discussão sobre como deve alocar os serviços oferecidos pelo Estado e não têm valoração monetária direta.